



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS /CAMPUS DOS MALÊS
CURSO DE BACHARELADO EM HUMANIDADES**

FABIANA FERREIRA DE SANTANA

**O DESRESPEITO RELIGIOSO NO ÂMBITO EDUCACIONAL EM UMA ESCOLA
DO FUNDAMENTAL I EM SÃO FRANCISCO DO CONDE - BA**

SÃO FRANCISCO DO CONDE – BA

2018

FABIANA FERREIRA DE SANTANA

**O DESRESPEITO RELIGIOSO NO ÂMBITO EDUCACIONAL EM UMA ESCOLA
DO FUNDAMENTAL I EM SÃO FRANCISCO DO CONDE - BA**

Trabalho de Conclusão de Curso – Modalidade Projeto de Pesquisa – apresentado ao Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), como requisito para obtenção do título de Bacharelado em Humanidades.

Orientador: Prof^o. Dr. Marlon Marcos Vieira Passos

SÃO FRANCISCO DO CONDE – BA

2018

FABIANA FERREIRA DE SANTANA

**O DESRESPEITO RELIGIOSO NO ÂMBITO EDUCACIONAL: EM UMA ESCOLA
DO FUNDAMENTAL I EM SÃO FRANCISCO DO CONDE - BA**

Trabalho de conclusão de curso de graduação, modalidade projeto de pesquisa, apresentado à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Aprovado em: 29 de outubro de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Marlon Marcos Vieira Passos – Orientador

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - Unilab

Prof.^a Dr.^a Lavínia Rodrigues de Jesus

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - Unilab

Prof.^a Dr.^a Ana Claudia Gomes de Souza

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - Unilab

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO-----	5
OBJETIVO GERAL-----	9
OBJETIVOS ESPECÍFICOS-----	9
JUSTIFICATIVA-----	10
PROBLEMA-----	12
TEMA -----	12
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E RECORTE EMPÍRICO-----	13
ARCABOUÇO TEÓRICO -----	15
CRONOGRAMA-----	18
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS-----	19

INTRODUÇÃO

“Eu decidi ficar com o amor. O ódio é um fardo muito grande pra suportar”.

Martin Luther king

A presente proposta de pesquisa propõe compreender de que maneira o desrespeito religioso atua no cotidiano escolar. Optei por tomar como meu campo de pesquisa, uma instituição de ensino público localizada no bairro de São Bento das Lajes, na cidade de São Francisco do Conde- BA. A escola denominada As Três Marias¹, dedica-se ao Ensino Fundamental I

O interesse por essa temática surgiu através da minha jornada como estudante da Unilab, nesse espaço o debate sobre as relações raciais se faz constante sendo empreendido em quase todas as disciplinas que tive até o momento. Nesta Universidade, o tema do desrespeito em relação às religiões é bastante trabalhado em sala, participei de várias discussões com o meu orientador e professor Marlon Marcos, alcançando a importância da chamada intolerância religiosa como possibilidade de pesquisa. Nunca fui religiosa, venho de uma mãe que fica entre o protestantismo e o catolicismo, um pai sem religião, mas deísta, com irmãos com frequência irregular no catolicismo e na igreja Universal do Reino de Deus.

Quando criança e adolescente não me lembro de ter vivenciado o desrespeito religioso com outras religiões fora do cristianismo, a discriminação deveria ocorrer de modo velado, assim, depois que me tornei estudante da Unilab, resolvi voltar às minhas origens educacionais, e usando do método etnográfico irei analisar a realidade atual da escola que me deu minhas primeiras lições e contribuiu com a minha formação, nessa pesquisa almejo compreender se há, na atualidade daquela escola formas discriminatórias contra as religiões de matrizes africanas, fundamentalmente, ou com outras fora do eixo da cristandade.

O ambiente escolar, como os mais variados espaços sociais, é composto por pessoas, cada qual com suas particularidades, suas diferenças, são essas diferenças entre as pessoas, que entendemos como diversidade. Ao analisar o dia a dia escolar podemos afirmar que a escola por si só consiste no espaço da diversidade, onde os estudantes têm seus primeiros contatos com o “outro”, dessa forma, a escola desempenha um papel bastante importante na sociedade onde está inserida. Infelizmente é também nesse espaço que muitas vezes o desrespeito, sobretudo, o religioso age de diferentes maneiras, podemos compreender que

¹ Escola as Três Marias localizada no bairro de São Bento das Lajes instituição de ensino antiga na cidade de São Francisco do Conde – BA. Essa escola formou muitas gerações de moradores desta mesma comunidade e dedica-se ao ensino fundamental I.

todas as crianças, desde os anos iniciais ao ingressarem na escola, carregam uma história, faz parte de uma família e certamente pode ou não já está inserido em uma determinada religião.

No entanto é no ambiente escolar que essa diversidade ganha ainda mais visibilidade, sem que os conflitos e desrespeitos sejam resolvidos. Segundo Freire (1987), a escola pode funcionar de duas formas distintas, ou seja, pode funcionar como reprodutora, ou como libertadora, a primeira abrange a relação que o ambiente escolar exerce em reproduzir as mazelas sociais e tudo o que está ao seu redor, dessa maneira a escola reproduz o racismo, os preconceitos, as desigualdades, enfim, tudo o que opera na sociedade, de outro lado a escola também pode ser entendida como uma forma de libertação dessa forma despertando o senso crítico dos estudantes. Por essa razão a educação dentro dessa lógica funciona como um mecanismo de desconstrução das mentalidades dos estudantes em relação aos preconceitos historicamente construídos, contribuindo assim para o combate do racismo e dos desrespeitos em todos os outros aspectos.

De acordo com OLIVEIRA (2001):

A escola é o espaço onde se encontra a maior diversidade cultural é também o local mais discriminador [...] trabalhar as diferenças é um desafio para o professor [...] esses educadores não receberam uma formação adequada para lidar com questões da diversidade e com os preconceitos na sala de aula e no espaço escolar [...] se o professor for detentor de um saber crítico, poderá questionar esses valores da classe dominante e saberá extrair desse conhecimento a que ele tem de valor universal.

Sob essa conjuntura, percebemos que até mesmo os educadores, e toda comunidade escolar, de alguma maneira contribuem para o combate ou a alimentação da intolerância dentro da escola. Nesse sentido, em minhas primeiras leituras, consegui entender que é no espaço escolar que o desrespeito opera ainda com mais violência, os nossos meninos e meninas são diariamente discriminados por ter uma religião diferente sofrem desrespeito até dentro da escola, isso é fato inquestionável, no entanto, o que a escola tem haver com isso? Esse problema assume contornos específicos, sendo assim, o preconceito e a discriminação das religiões de matrizes africanas é algo recriado historicamente, oriundo desde a época da escravidão. Logo, o candomblé por ser uma religião criada por escravizados, com base em suas raízes ancestrais, é historicamente marcado pela repulsa social, pelo racismo e pelas atitudes de intolerância.

É cabível enfatizar que, o movimento negro tem como um dos principais objetivos, ressignificar as relações raciais, propondo um olhar educativo baseado no antirracismo,

buscando formas de se fazer entender, como o racismo opera dentro da sociedade, mostrando a população negra e suas civilidades de origens africanas, mergulhadas no centro da discriminação social. Gomes (2012). É preciso entender a educação como uma ferramenta mais que potente para combater os racismos de todas as naturezas, ensinando os subalternizados Spivak², (2010) a ter vez e a transgredir. Ou seja, a educação é um instrumento de transgressão e prática da liberdade segundo Hooks (2013). Que deve transformar a ambiência da escola, respeitando as diversidades onde a diferença não seja desigualdade (RIBEIRO, 2018). Nesse intuito, voltarei a minha escola (estudei nessa escola nos anos de 2001 a 2004) para fazer uma pesquisa etnográfica aplicada à educação, para conhecer a realidade atual dos estudantes negros e negras, e outros também, que pratiquem algumas das chamadas religiões de matriz africana e qual a situação da mesma frente ao sistema educacional naquele estabelecimento.

Santos (2010) enfatizar, que o epistemicídio ainda se faz muito presente em nossa sociedade, atuando de forma diferente, negando a legitimidade dos saberes tradicionais, das tradições orais, dos saberes dos mais velhos em favor do conhecimento científico comprovado cientificamente por parâmetros acadêmicos. Dessa mesma forma está havendo um pensamento abissal, ou seja, dentro dessa lógica moderna se exclui tudo aquilo que não está nos padrões eurocêntricos. Ao mesmo tempo é importante salientar já que o candomblé é uma religião negra e é ainda praticada em sua maioria por negros e pobres, desse modo o racismo se configura como uma maneira de desqualificar essa religião ao transformar em algo inferior, ou seja, é por meio do racismo que se legitima o desrespeito. Carneiro (2005), enfatiza que sempre ocorreu um epistemicídio³, ou seja, a negação e inferiorização de todas as outras formas de conhecimentos que não fossem ocidentais, para que algo pudesse ter valor deveria partir da Europa sem levar em consideração que os outros lugares fora da Europa também são produtores de conhecimento válido, isso gerou uma grande desvalorização do resto do mundo.

²SPIVAK, Gayatri Chakravorty, pode o subalterno falar? Em subalternidade e possibilidade de agência: uma crítica pós-colonialista (2010), a pensadora indiana que questiona a necessidade dos grupos tidos como subalternizados na sociedade conquistarem o poder de falar por si mesmos, desse mesmo modo, ganhando autonomia, e buscando através da educação uma forma de transgredir em outros espaços dominados por grupos hegemônicos.

³Epistemicídio termo usado por Boaventura Sousa Santos nesse sentido a palavra Epistemicídio pode ser compreendido como a destruição das outras formas de conhecimentos, que partindo pelos ideais eurocêntricos não são considerados como conhecimento válido cientificamente. O Epistemicídio foi responsável pelo apagamento de boa parte de todo o conhecimento humano produzido até o momento. (SANTOS, 2007).

Os europeus colonialistas queriam justificar a dominação de vários povos partindo da idéia principal que aqueles povos não produziam culturas, isso foi usado para justificar as dominações que os africanos sofreram ao longo do processo colonialista. Segundo Carneiro (2005), o mundo não pode ser constituído por apenas uma cultura, pois há uma grande diversidade cultural, isso torna o mundo um grande mosaico onde cada cultura existente, atende a necessidade de cada povo, no entanto, desde o período colonial o que se registrou foi à destruição sistemática de povos e culturas, enfim, várias formas de conhecimentos, foram destruídos, juntos aos povos dominados. Isso gerou a perda de uma boa parte dos conhecimentos que hoje poderia ser usado em benefício das pessoas. No Brasil, a principal religião alvo da intolerância são as religiões afro-brasileiras, vejamos:

As sextas-feiras é dia do povo de axé se vestir de branco, diariamente os médiuns adeptos do ‘povo de santo’ levam consigo seus fios de contas, representando seus guias espirituais, os orixás. Tudo certo, não fosse o que (quase) sempre se sucede: macumbeiro, ‘vai queimar no fogo do inferno’ isso é coisa do demônio, do satanás; arremessam-se pedras impede-se o jovem estudante de entrar na escola. (VICENTE, 2017, p.6).

A autora nos instiga a compreender melhor como o desrespeito em relação às religiões de matrizes africanas ocorre, sobretudo, no âmbito escolar, desse modo, observa-se que se trata do desrespeito em relação à religião de uma jovem estudante de uma determinada escola brasileira. Não podemos afirmar o certo, porem era deve ser adepta ou praticante das religiões de matrizes africanas.

O candomblé e as demais religiões oriundas do continente africano, sem dúvida, são as que mais sofrem preconceito no Brasil. Gomes (2005), salienta que o racismo ainda funciona como uma forma de legitimar o desrespeito, apesar da lei 10.639/03 que aborda a obrigatoriedade do ensino da cultura negro africana nas escolas brasileiras, a intolerância ainda se faz presente no cotidiano de muitos estudantes brasileiros. Além disso, as desigualdades existentes na sociedade refletem no ambiente escolar Freire (1987). Carece de explicitar, que o racismo ainda é evidente em nossa sociedade, contribuindo para interiorização da população negra nos mais variados espaços sociais, as atitudes de discriminação e preconceito que perduram ao longo do tempo demonstram que, apesar de tanto tempo, as marcas do processo de escravidão ainda estão presentes no nosso cotidiano, no entanto, muitas entidades de lutas, sobretudo, do movimento negro batalham arduamente para devolver o orgulho e a autonomia da população negra, mas muitos ainda há de ser feito para que no Brasil a população negra conquiste o tão sonhado respeito.

OBJETIVO GERAL

- ✓ Entender as tendências religiosas existentes nessa escolar? Investigar se há ou não a presença do desrespeito religioso contra as religiões de matrizes africanas, entendendo como funciona o projeto pedagógico em relação ao respeito às diversidades culturais nesse espaço.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- ✓ Explora como o racismo se faz presente no cotidiano escolar, buscando entender como funcionar a escolar em relação à desconstrução dos currículos com base na lei 10.639/03.
- ✓ Verificar os efeitos do desrespeito religioso nesse lugar, sobretudo se há conflitos entre as religiões.
- ✓ Entender como a escola As Três Marias se articula em relação a essa temática do desrespeito religioso, especialmente identificar se esse assunto se faz presente em sala de aula e quais as estratégias de combate dentro dos muros escolares.

JUSTIFICATIVA

A proposta desse trabalho é trazer para o espaço acadêmico o imprescindível debate sobre o desrespeito religioso. Pretendo pesquisar um assunto caro ao universo das relações raciais no Brasil. Ouve-se falar com frequência que “religião, cada um tem a sua e não se discute”, será mesmo que essa afirmação tem fundamentos coerentes com a realidade social em lugares intolerantes como o nosso país? Como esse tema é tratado no ambiente escolar?

Resolvi usar o termo ‘desrespeito’ em vez de ‘intolerância’, embora muitos autores usem mais o termo intolerância religiosa em suas obras. Intolerância religiosa é um termo muito empregado na contemporaneidade, sobretudo, quando se pensa nos grandes conflitos históricos desenrolados em países do Oriente Médio e da Europa ocidental. No entanto, o termo desrespeito é mais profundo, ou seja, esse termo nos remete a uma ausência de respeito com as demais religiões, esse desrespeito pode ser compreendido como a falta de consideração em relação às demais religiões e seus praticantes, e respeitar é mais forte que tolerar.

Essa pesquisa buscará investigar, identificar as expressões religiosas contida na escolar, e através de um estudo focal compreender os efeitos do desrespeito, em relação às expressões religiosas presentes em uma determinada escola, essa instituição formou muitas gerações de moradores desta mesma comunidade, pois está há bastante tempo nesta mesma localidade, é um estabelecimento de ensino público muito importante na minha vida como estudante, quando criança estudei durante quatro anos nesse espaço no entanto, o desejo por desenvolver esse trabalho etnográfico⁴ só surgiu mesmo a partir do momento em que comecei a frequentar a universidade, por ser uma instituição com um currículo diferenciado esse tema se faz constantemente debatido.

Essa temática possui uma grande relevância social por discutir o racismo estrutural e seus desdobramentos, além de buscar demonstrar que, muitas vezes, a escola não cumpre seu papel de inclusão social e de fomentar o respeito pelas diferenças.

A falta de respeito religioso é antes de tudo algo social, já que nela estão presentes pessoas e a discriminação religiosa ocorre através de comportamentos, e atitudes racistas e preconceituosas entre as pessoas. “A religião, para muitos hoje (senão para a maioria) não é

⁴Trabalho etnográfico: pode ser entendido como um método onde o pesquisador buscará uma aproximação, mais de perto com o objeto de pesquisa em questão, ou seja, a etnografia nada, mais é do um mergulho mais aprofundado e prolongado na vida cotidiana desses “Outros” que queremos compreender. Dessa forma primeiramente é realizada por meio do insolamento de um determinado objeto alvo da pesquisa.(...) (GEERTZ, p.20).

mais algo herdado (e por isso mesmo, mais facilmente descartada), mais algo a ser buscado conquistado” (CARVALHO, P.18, 1999). A proposta deste estudo poderá contribuir para o desenvolvimento de conhecimento, abrindo espaço para o debate, ademais, pretendo também promover a desconstrução de idéias preestabelecidas, e demonstrar a importância que a UNILAB, em sua natureza epistêmica diferenciada, pode contribuir para importantes transformações sociais no Recôncavo baiano.

TEMA

Compreender as tensões raciais e os possíveis embates acerca da diversidade religiosa naquele espaço educacional.

PROBLEMA

Como a escola as Três Marias enfrenta o desafio de educar para a igualdade e contra os desrespeitos religiosos? O currículo da escola se instrumentaliza a favor de uma educação antirracistas e não intolerante?

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E RECORTE EMPÍRICO

A metodologia utilizada na construção desse projeto consiste primeiramente em um levantamento bibliográfico referente ao tema, com o objetivo de analisar melhor essa temática, desse modo, minhas primeiras leituras foram fundamentais na construção da mesma. Após o levantamento, iniciarei minha imersão na escola pesquisada, desenvolvendo entrevistas com a comunidade escolar (estudantes, funcionários, professores e administração)

Posteriormente, será desenvolvida uma pesquisa etnográfica, mais sistemática, na escola As Três Marias. Como pesquisa etnográfica, de acordo com GEERTZ (1989) pode entender:

A etnografia é uma descrição densa. O que o etnógrafo enfrenta, de fato – a não ser quando (como deve fazer, naturalmente) está seguindo as rotinas mais automatizadas de coletar dados – é uma multiplicidade de estruturas conceituais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares, inexplícitas, e que ele tem que, de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar [...] Fazer etnografia é como tentar ler (no sentido de ‘construir uma leitura de um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos. (GEERTZ, p.20).

Esse espaço será meu campo de pesquisa, onde irei desenvolver entrevistas, grupos focais sobre temáticas ligadas às relações sociais no Brasil, farei observação participante em termos antropológicos, utilizando anotações diárias, num semestre letivo, e por meio de uma abordagem qualitativa, pois sua temática possibilita analisar fatos da realidade, e compreender os diferentes aspectos desse tema tão relevante e que precisa ser muito discutido na sociedade. Nesse sentido, pretendo explorar como o racismo se faz presente no ambiente escolar, analisando meus dados, farei relatórios semanais que me ajudarão na escrita da monografia final.

Vale ressaltar que desejo efetuar esse trabalho no período de dois anos, tendo prazo estipulado para a conclusão da pesquisa em 2020. É cabível enfatizar que, para se iniciar uma pesquisa, é necessário que seja feito um levantamento de dados mais profundo, configurando meu recorte empírico, o que possibilitará conhecer o campo de pesquisa, evitar repetições e também poder auxiliar na busca de outras fontes (MARCONI E LAKATOS, 2003, p.158). Sendo assim, também espero identificar as expressões religiosas presente naquele espaço, questionando como a escola se posiciona a respeito dos casos de intolerância, caso já tenha ocorrido e se ocorrerá durante a pesquisa etnográfica por mim desenvolvida.

Almejo também conviver por algum tempo dentro dessa escola fazendo visitas constantes, e observando de perto o que realmente acontece dentro das salas de aula, os comportamentos dos colegas em relação aos colegas negros, por essa razão irei fazer algumas anotações dos fatos encontrados na observação participante, faz-se necessário entender como funciona o projeto pedagógico se é voltado para o respeito às diversidades, por outro lado, através das observações diretas, irei compreender como os professores trabalham as questões raciais e religiosas, e se há esse debate nesse espaço.

A minha etnografia seguirá princípios antropológicos, mais fazendo uma interface com a educação, bem fundamentada em autores como Paulo Freire (1967) e Nilma Lino Gomes (2018), para demonstrar melhor visualizar os abismos entre teoria e prática no nosso sistema educacional público. Freire (1967), salienta que a educação possui um papel fundamental, por meio dela os sujeitos têm a oportunidade de transgredir as imposições sociais impostas, fazendo do conhecimento uma prática cotidiana a favor da liberdade. É notório por meio do recorte teórico obtido até o momento, que o desrespeito, assume contornos específicos no território brasileiro, diante disso o que se nota é que a intolerância opera de forma violentamente no espaço escolar se expressando de diferentes maneiras, por tudo isso, podemos afirmar, sem dúvida, que no Brasil as religiões oriundas do continente africano são as mais discriminadas em nosso país.

Principalmente em relação às igrejas pentecostais e neopentecostais que costumam atacar os adeptos e praticantes das religiões afro-brasileiras, causando o que atualmente ficou conhecido como ‘guerra santa’ esse confronto entre evangélicos e o povo de santo Carvalho (1999). Assim, espero desenvolver um estudo entre antropologia e educação, que possa, minimamente, contribuir com o debate sobre os desrespeitos religiosos no cenário social brasileiro.

ARCABOUÇO TEÓRICO

Ao propor essa temática, inevitavelmente me deparei com uma infinidade de obras que abordam essa questão. Desse modo, esse estudo será executado mediante um recorte teórico com alguns dos trabalhos mais relevantes referentes ao debate sobre as questões de desrespeito às diversidades na escola, principalmente, o a diversidade religiosa.

De início, busquei a contribuição do trabalho de Spivakem sua obra *Pode o subalterno falar?* (2010), que questiona a necessidade dos grupos tidos como subalternizados perante a sociedade de conquistarem o poder da voz, dessa mesma forma, ganhando autonomia por meio da educação, uma maneira de transgredir os espaços dominados por grupos hegemônicos.

Relacionando as idéias de Spivak com minha temática, foi possível compreender como o desrespeito age como forma de silenciar, especialmente as vítimas tidas como subalternizadas em relação à sociedade desigual que nós temos. Desse modo, o candomblé é tido no Brasil como uma religião subalterna, seus adeptos e praticantes são os principais alvos da intolerância, compreendemos hoje o desrespeito religioso como fruto do racismo, e é entendido como um assunto que faz parte da nossa contemporaneidade. Infelizmente, quem possui a marca da negritude na pele, certamente já vivenciou ou vai atravessar em algum momento da vida por uma situação de racismo Nascimento (1978). Convém, portanto, debater o desrespeito e o racismo no ambiente escolar, isso se torna essencial para combatê-lo em outros espaços. Assim, “o conflito religioso de maior visibilidade no nosso país contemporâneo é a chamada “guerra santa” entre a Igreja Universal do Reino de Deus, movimento religioso do tipo pentecostal – contra os cultos afro-brasileiros” (CARVALHO p.14, 1999). Essa guerra travada em relação ao povo de santo pelos líderes das igrejas pentecostais e neopentecostais, no entanto, contribui basicamente para destruir a imagem estabelecida no nosso país como um lugar tolerante compreendido em oposição ideia do sincretismo religioso altamente difundido no Brasil, como atesta Silva (2007).

Com esse trabalho etnográfico, acredito que poderei aproximar a comunidade com a universidade, mostrando que as questões da desmoralização religiosa são reflexos do racismo estrutural existente em todos os espaços sociais, e com os resultados obtidos certamente, irei mostrar que ele também ocorre dentro das escolas públicas do nosso país. Por meio da obra de Gomes (2018), irei trazer para essa pesquisa as ideais do movimento negro em relação ao âmbito educacional, no trabalho de Nilma Lino Gomes chamado *O Movimento Negro Educador*, podendo assim ressignificar e politizar a raça, onde a autora destaca as

contribuições das lutas do movimento negro em relação aos direitos educacionais das pessoas negras.

Outra discussão importante que também se faz presente nessa proposta é também trazida por Gomes (1996; 2003), e tem a ver com as relações étnico raciais na escola na perspectiva de Lei 10.639/2003, de como tratar da obrigatoriedade da Lei num universo de professores ainda despreparados e poucos engajados com a sua efetivação.

Dentro dessa mesma lógica vista acima, a autora Gomes (1996), debate sobre educação e diversidades e os contrapontos curriculares fechados para realidade social diversa dos educando.

Nesse sentido, Gomes (1996), aborda como as questões etnicorraciais precisam ser debatidas dentro da escola defendendo que todo o projeto pedagógico necessita ser pensado levando em consideração o respeito às diferenças, além disso, deve está inserido numa pedagogia antirracismo e assim, educar para a diversidade. Outra autora de uma fundamental importância na construção desse projeto foi Bell hooks (2013), que enfatiza o poder que o conhecimento tem como mecanismo de fazer transgredir um sujeito por meio da instrução levando-o a conquistar sua autonomia e liberdade. Nessa investigação me deparei com o trabalho de Paulo Freire, dentre tantas obras desse autor, optei por duas que achei mais pertinente com minha temática.

Como assentamento teórico, empregarei nessa discussão, Freire, (1987), nessa obra esse autor aborda a função da educação bancária, ou seja, a educação escolar se estabelece em uma relação marcada por profundas desigualdades, onde o educador é quem detém o conhecimento e os educando desprovidos de saber estão na escola para serem educados. De maneira analógica esse tipo de relação existente com pode ser facilmente compreendido ao comparar os alunos como cabeças vazias, portanto, não sabem nada e os professores que tem a missão principal de encher seus educandos de conteúdos.

No entanto, esse tipo de educação não deixa os educandos responderem, questionarem, analisarem e, por fim, refletirem sobre os conteúdos ensinados em sala de aula. Na educação bancária os alunos não têm espaço para debate, ou seja, eles não são autor do seu próprio conhecimento Freire (1987). Relacionando com o tema em questão, me veio à mente como os educadores debatem temas relevantes como a diversidade religiosa, ou seja, será que os professores estão abertos ao diálogo entre as diversas correntes religiosas em sala de aula? Ou apenas se propõem a debater a religião que faz parte da sua vida pessoal, conseqüentemente, impõem sua religião como uma doutrina religiosa dentro da sala, se é

católicos ensina o catolicismo, se são evangélicos falam somente sobre essa religião, deixando de debater as demais?

Inevitavelmente, o ambiente escolar é um dos locais destinado ao debate dos temas mais relevantes da sociedade, como anuncia Munanga (2005). Dessa forma, pretendo mostrar como a temática da discriminação religiosa se constitui como um assunto contemporâneo, diante disso, resalto a urgência desta temática no nível Fundamental 1, numa escola onde a maioria estudantil é negra.

O desrespeito religioso assume aspectos perigosos na ordem social brasileira. Inviabiliza a chamada ética da coexistência. Pretendo compreender os caminhos educacionais que se calam ou se manifestam contra este problema que afeta o educando individual e coletivamente.

CRONOGRAMA PARA EFETUAÇÃO DA MONOGRAFIA

Período	Meses	Leituras de Textos e materiais	Trabalho de campo	Análise dos dados	Escrita do TCC	Entrega e defesa do TCC.
2019	Janeiro Fevereiro e Março	x				
	Abril Maio e Junho	x	x			
	Agosto Setembro e outubro Novembro	x	x	x		
2020	Janeiro Fevereiro Março			x	x	
	Abril Maio e Junho				x	
	Agosto setembro Outubro e Novembro				x	x

REFERÊNCIAS

- CARNEIRO, Aparecida Sueli, **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. Tese de doutorado São Paulo 2005
- CARVALHO, José Jorge de. **Um espaço público encantado: Pluralidade religiosa e modernidade no Brasil**. Série antropologia. Brasília 1999
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, 17^a. Ed. Rio de Janeiro Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Ed. Paz e terra. Rio de Janeiro. 1967
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1 ed. Reimpr. LTC. Rio de Janeiro. 2017
- GEERTZ, C. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978.
- GEERTZ, Clifford. **O ponto de vista de um nativo: sobre a natureza do entendimento antropológico**. 1983.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GOMES, Nilma Lino. **Educação, raça e gênero; relações imersas na alteridade**. 1996.p.67.82.
- GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro e educação: Ressignificando e politizando a raça** *Educ. Soc.*, Campinas, v. 33, n. 120, p. 727-744, jul.-set. 2012
Disponível em <19L19P://www.cedes.unicamp.br>
- GOMES, Nilma Lino. **As práticas pedagógicas de trabalho com relações étnico-raciais na escola na perspectiva de Lei 10.639/2003: desafios para a política educacional e indagações para a pesquisa**. *Educar em Revista*, Curitiba, Brasil, n. 47, p. 19-33, jan./mar. 2013. Editora UFPR
- HOOK, Bell. **Ensinando a transgredir; a educação como prática de libertação**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla - São Paulo. 2013. Editora Martins fontes, 2013
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia científica**. 5. Ed. – São Paulo: Atlas 2003.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Etnografia como prática e experiência**. *Horiz. Antropol.* vol.15 no. 32 Porto Alegre July/Dec. 2009
- MILANI, Noeli Zanatta, **a escola a favor da diversidade religiosa: importância dessa abordagem em sala de aula**. EDUCARE. 2013
- MUNANGA, Kabengele. **Superando o racismo na escola**. Brasília. 2005
- NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. Ed. Paz e terra. 1978.

OLIVEIRA, Eliana de. **Identidade, intolerância e as diferenças no espaço escolar; questões para debate**. Dezembro de 2001. Revista Espaço Acadêmico. Ano I. Nº7. Disponível em: . Acesso em 01 de junho de 2012.

OLIVEIRA, Cristiano Lessa de. **Um apanhado teórico conceitual sobre a pesquisa qualitativa: tipos, técnicas e características**. *Travessias* - Vol. 2, Número 3, 2008

RATTS, Alex. **Eu Sou Atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento**. São Paulo. 2006.

RIBEIRO. **D.O Quem Tem Medo do Feminismo Negro?**. Companhia das letras. Minas Gerais. 2018.

RIBEIRO. **D.O que é lugar de falar**. Belo Horizonte (MG) Letramento. 2017

SILVA, Vagner Gonçalves da et 20L. **Intolerância religiosa: impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007, 323 p., ISBN978-85-314-1022-2

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. (2010). **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG

SANTOS, Boaventura de Souza; MENESES, Maria Paula. (Orgs). **Epistemologias do sul**. São Paulo; Editora Cortez. 2010.637 paginas.

SANTOS, Boaventura de Souza, **Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes**, Novos estud. - CEBRAP no.79 São Paulo Nov. 2007

VICENTE, Larissa Maria da silva. **Racismo institucional no Brasil e poder judiciário: um olhar sobre os casos de intolerância religiosa contra as religiões de matrizes africanas no estado do Rio de Janeiro**. Monografia. Universidade católica do rio de janeiro, 2017.

VON, Cristina. **Cultura de paz: o que os indivíduos, grupos, escolas e organizações podem fazer pela paz no mundo**. São Paulo: Ed. Petrópolis, 2003.